

ESPAÇO, LUGAR, IDENTIDADE

geografias raciais em *Our Nig*, de Harriet E. Wilson

SPACE, PLACE, IDENTITY: RACIAL GEOGRAPHIES IN *OUR NIG*,
BY HARRIET E. WILSON

José de Paiva dos Santos¹
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Este ensaio examina *Our Nig*,² publicado em 1859 e considerado o primeiro romance escrito por uma mulher afrodescendente nos Estados Unidos, como uma crítica ao racismo contra os negros residentes nos estados do Norte do país, região normalmente vista pelos negros sulistas como solidária à causa abolicionista. À luz de *insights* provenientes da antropologia cultural e da geografia social, o texto discutirá como Harriet E. Wilson representa a formação de espaços e lugares racializados, que acabam se tornando ferramentas de dominação e exploração da mão de obra negra. Através dos abusos à personagem central do romance, a mulata Frado, Wilson discute a racialização dos lugares em uma residência em particular, a da família Belmont. No entanto, fica evidente que o escopo crítico do romance é bem mais amplo. Além de expor ideologias raciais oitocentistas que sustentavam a demarcação racial dos espaços, ao usar a casa como metáfora para a nação, a autora traz à tona uma contradição inerente no pensamento abolicionista: por um lado, a abominação da escravidão; por outro, a segregação e a exclusão social do sujeito negro.

PALAVRAS-CHAVE

Espaço, escravidão, raça, romance, Estados Unidos

Um exame da produção literária de escritores afrodescendentes nos Estados Unidos do século XIX revela vários pontos em comum. Um deles, naturalmente, é o foco nas agruras da escravidão no Sul do país, local onde nasceram e viveram a maior parte de suas vidas até escaparem para o Norte do país. Influenciados por discursos abolicionistas e por modelos literários da época (o romance sentimental), escritores como Frederick Douglass e Harriet Jacobs, por

¹ jdsantos35@yahoo.com

² O título completo do romance é *Our Nig; or, Sketches From the Life a Free Black, in a Two-Story White House, North. Showing that Slavery's Shadows Fall Even There*. Por motivos estéticos e de espaço, será usada uma versão resumida do título: *Our Nig*, muito comum na fortuna crítica deste romance.

exemplo, denunciavam as crueldades de senhores de escravos, bem como os paradoxos do cristianismo protestante, que por um lado pregava amor e justiça e por outro alimentava o sistema escravocrata. Acima de tudo, criaram narrativas nas quais o sujeito negro embarca numa trajetória de resgate do “eu” desumanizado e reificado pela escravidão.³ Nesse contexto, as autobiografias servem não apenas de veículo de denúncia de injustiças sociais, mas, igualmente, de instrumento de construção de uma subjetividade negra em vias de apagamento histórico. Outro ponto em comum é o retrato do Norte estadunidense como espaço de liberdade, igualdade e justiça – uma democracia racial na qual os negros poderiam transitar e conquistar a tão almejada autonomia socioeconômica. As autobiografias se tornam, dessa forma, uma espécie de literatura de viagem, mostrando cada etapa do trajeto rumo ao Norte, local que acaba assumindo dimensões místicas ao ser concebido como a Terra Prometida, a Estrela do Norte, metáfora por excelência da liberdade.⁴ Ao chegar lá, o protagonista se insere em um novo contexto e utiliza sua história para conquistar a solidariedade de abolicionistas em favor de seus irmãos e suas irmãs que ficaram para trás.

No âmbito da ficção, de forma semelhante, os romancistas se apropriam do modelo do romance sentimental e também ambientam suas narrativas nas regiões sulistas. Aqui, o que se destaca não é apenas o desejo de fuga do sujeito negro para o Norte, mas questões políticas e sociais como identidade nacional e a questão da miscigenação. A mulata trágica se torna o tema emblemático da ficção afro-estadunidense oitocentista. Fruto normalmente de assédio sexual e estupro, mulheres que poderiam facilmente se passar por brancas devido à cor de sua pele são escravizadas e exploradas sexualmente apesar de exteriormente terem todos os traços fenotípicos da cultura dominante. O que essas tramas denunciam é a hipodescendência, isto é, a famosa *one-drop rule*, lei na qual a criança herda a condição do grupo considerado inferior, nesse caso, o da mãe negra, e não a do progenitor branco. Com isso, a mulata trágica se torna o tema ideal na crítica ao nacionalismo por desestabilizar “categorias de identidade presentes na construção das ideologias norte-americanas de origem e identidade nacional”.⁵ William W. Brown, em *Clotel*, e Francis E. W. Harper, em *Iola Leroy*, tematizam essas questões no retrato do drama dessas personagens tão comuns nas fazendas do Sul estadunidense.

A publicação, em 1859, do romance *Our Nig*, de Harriet E. Wilson, traz à tona um elemento raramente retratado pelos escritores afrodescendentes até então: as tensões raciais existentes no Norte dos Estados Unidos, região normalmente descrita nas narrativas de escravos e na ficção como o refúgio para ex-escravos que fugiam da perseguição racial da região Sul. Conforme observa Henry Louis Gates, Jr., pesquisador que encontrou e apresentou o romance ao meio acadêmico em meados dos anos 1980, “poucos escritores antes de Wilson haviam escolhido retratar como a escravidão tinha o poder de destruir vidas de afro-americanos livres no Norte”.⁶ Isto é, os tentáculos da escravidão alcançavam as regiões mais remotas do país, independentemente

³ FOSTER. *Witnessing Slavery: The Development of Ante-Bellum Slave Narratives*, p. 84.

⁴ FOSTER. *Witnessing Slavery: The Development of Ante-Bellum Slave Narratives*, p. 55.

⁵ “rather as an effort to unsettle the very categories of identity at work in the construction of founding U. S. ideologies of national origin and identity” (RAIMON. *The “Tragic Mulatta” Revisited: Race and Nationalism in Nineteenth-Century Antislavery Fiction*, p. 64). Todas as traduções dos originais em inglês para o português são de minha autoria.

⁶ “Very few writers before Wilson had chosen to focus on the way that slavery could blight the lives of free African Americans in the North” (GATES JR.; ELLIS. Introduction, p. xviii).

do sistema econômico adotado. Nos dilemas e sofrimentos da personagem Frado, filha de mãe branca e pai negro, abandonada na casa da abastada família Bellmont, Wilson demonstra o outro lado da suposta democracia racial do Norte. Mostra que o capitalismo e o mercado aberto, motivos de orgulho dos nortistas, que viam o Sul como retrógrado e ainda preso a modelos econômicos ultrapassados, cria um novo tipo de segregação e, por que não dizer, escravidão, com base nos mesmos princípios exclusivistas dos fazendeiros da parte Sul do país. O romance critica, portanto, o racismo nortista “ao revelar a hipocrisia da agenda abolicionista do Norte que advoga o fim da escravidão, ao mesmo tempo que internaliza noções racistas de ‘negros’”.⁷ Este ensaio intenciona examinar o modo como *Our Nig* questiona a visão mística do Norte estadunidense, concebido como a Terra Prometida e sítio de liberdade e igualdade racial. A análise se concentrará, no entanto, nas formas como o romance examina a formação de lugares e sujeitos racializados, bem como nas narrativas culturais que sustentam e dão contornos a essas geografias raciais.

A visão de que lugares não são apenas delimitações geográficas, desconectadas do mundo das relações humanas, tem sido consenso entre antropólogos, geógrafos e sociólogos nas últimas décadas. Nos anos 1970, o geógrafo social Yi-Fu Tuan já observava que, diferentemente dos espaços, lugares são locais aos quais seres humanos atribuem significado e valor.⁸ Mais recentemente, Anthony M. Orum e Xiangming Chen, na esteira do pensamento de Tuan, observaram que o “espaço é um meio independente de nossa existência no qual existem objetos (incluindo seres humanos), objetos que se comportam de acordo com as leis básicas da natureza. O lugar é uma localidade única e especial daquele espaço”.⁹ O que se destaca nessas observações é o papel das relações sociais na formação, na expansão e na manutenção de lugares. Lugares são, assim, “construtos sociais que formamos em nossas mentes e que são criados através de nossas relações sociais em determinados lugares”.¹⁰ É do relacionamento simbiótico ou dialético entre o espaço físico e os seres humanos que se originam os lugares nos quais indivíduos habitam, constroem laços e estabelecem relações significativas entre si e com outros grupos.

Outro ponto de destaque é o fato de que lugares são formados através de um processo de constante “oposição, confronto, subversão e/ou resistência”, nos quais indivíduos têm suas posições “definidas pelo controle diferencial de recursos e acesso ao poder”.¹¹ Isto é, os lugares, longe de serem ambientes harmoniosos, são sítios de fortes contestações entre grupos e interesses divergentes, disputas estas informadas por critérios e mecanismos de inclusão e exclusão de determinados indivíduos ou grupos aos bens econômicos e culturais produzidos. Nesse embate entre ideologias e discursos, o elemento raça desempenha um papel crucial, observam os pesquisadores. Embora a ciência tenha desbancado, nas últimas décadas, a noção de raça do

⁷ “by unveiling the hypocrisy of the northern abolitionist’s agenda to advocate an end to slavery, while internalizing racist notions of ‘negroes’” (ELWOOD-FARBER. Harriet Wilson’s *Our Nig*: A Look at the Historical Significance of a Novel that Exposes a Century’s Worth of Hypocritical Ideology, p. 470).

⁸ TUAN. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, p. 6.

⁹ “Space is a medium independent of our existence in which there exist objects (including other human beings), objects that behave according to the basic laws of nature. Place is a unique and special location of that space” (ORUM; CHEN. *The World of Cities: Places in Comparative and Historical Perspectives*, p. 15).

¹⁰ “the social constructions we form in our heads and that are created through our social relations in places” (HOLT-JENSEN. *Geography: History & Concepts*, p. 21).

¹¹ “opposition, confrontation, subversion and/or resistance... defined by the differential control of resources and access to power” (LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA. *Locating Culture*, p. 18).

ponto de vista biológico, grupos e políticas de delimitação de lugares têm feito uso constante de taxonomias raciais em processos de distribuição e acesso a determinados lugares. Como observam Brooke Neely e Michelle Samura, “processos e interações raciais (ex.: identidades, desigualdades, conflitos e assim por diante) são também como coletivamente fazemos e refazemos [...] os espaços nos quais habitamos”.¹² Ao longo da história dos Estados Unidos, por exemplo, conflitos étnico-raciais entre brancos, negros, latinos e asiáticos têm determinado a formação de lugares como bairros residenciais, distritos escolares, comunidades religiosas e sítios históricos. Caroline Knowles vai mais adiante ao afirmar que os lugares são verdadeiros arquivos ou repositórios de “processos sociais e relacionamentos sociais que compõem ordens raciais”.¹³ O que se depreende dessas afirmações é que narrativas culturais, entre elas a de raça, desempenham um papel importante na construção e na manutenção de lugares. Os processos formativos que dão origem a determinados espaços geográficos são fruto de contenção e disputas, criando não apenas áreas de trânsitos e movimentos, mas também hierarquias e aparatos ideológicos com base no conhecimento e no poder. Assim, os significados atrelados a determinados lugares, bem como o uso deles por indivíduos, tem a ver com quais grupos têm acesso e poder para controlar e definir esses lugares. O posicionamento espacial e racial dos sujeitos surge desse jogo dialético no qual grupos dominantes criam e recriam não só conceitos, como também as geografias que sustentam visões racializadas de mundo.¹⁴

Em *Our Nig*, no processo de crítica à visão paradisíaca do Norte estadunidense, Harriet Wilson salienta os processos formadores e mantenedores de lugares e sujeitos racializados no Norte dos Estados Unidos oitocentistas, mostrando que, como observa Neely e Samura, lugar e raça estão intimamente ligados e que “significados de espaço e raça são continuamente criados e recriados através de interações de grupos e indivíduos”.¹⁵ É através da crítica ao elo entre lugar e raça que ela expõe as falácias da visão democrática do Norte como um ambiente de oportunidade igual para todos, independentemente de cor ou origem étnica. Acima de tudo, conforme salienta Lois Leveen, Wilson demonstra “como as dinâmicas raciais da escravidão são replicadas em encontros inter-raciais fora da escravidão”.¹⁶ Isto é, apesar de os nortistas verem a escravidão como desumana, ainda mantinham uma visão de mundo segundo a qual o negro figurava como racialmente inferior e indigno de compartilhar os mesmo lugares que a cultura branca dominante.

¹² “racial interactions and processes (e.g. identities, inequalities, conflicts and so on) are also about how we collectively make and remake [...] the spaces we inhabit” (NEELY; SAMURA. *Social Geographies of Race: Connecting Race and Space*, p. 1934).

¹³ “active archive of social processes and social relationships composing racial orders” (KNOWLES. *Race and Social Analysis*, p. 80).

¹⁴ Estudiosos têm debatido acerca das diferenças conceituais entre espaço e lugar e estão longe de alcançar um consenso. Para alguns, o espaço é na verdade a materialização do lugar. Outros não se importam com as ambiguidades e preferem enfatizar a polissemia desses dois conceitos. Para discussões mais detalhadas sobre as distinções entre espaço e lugar, examinar: CRESWELL, Tim. *Place: A Short Introduction*. Maden, MA: Blackwell, 2004; KNOWLES, Caroline. *Race and Social Analysis*. London: Sage, 2003.

¹⁵ “Meanings of space and race are continuously made and remade through interactions between groups and individuals” (NEELY; SAMURA. *Social Geographies of Race: Connecting Race and Space*, p. 1944).

¹⁶ “how the racial dynamics of slavery are replicated in interracial encounters outside of slavery” (LEVEEN. *Dwelling in the House of Oppression: The Spatial, Racial, and Textual Dynamics of Harriet Wilson’s Our Nig*, p. 561).

O espaço geográfico que se destaca na crítica de Wilson é o doméstico, tido na cultura oitocentista dos Estados Unidos como o santuário das virtudes morais e cristãs. Segundo Barbara Welter, as mudanças econômicas ocorridas no século XIX deram origem a dois tipos de lugar que tinham o gênero como o fio condutor: o público, de domínio masculino, e o doméstico, pertencente à mulher. É nesse contexto que surge o culto à feminilidade, o qual tinha como lema a exaltação da piedade, da pureza, da submissão e da domesticidade. Essas virtudes deveriam acompanhar a mulher oitocentista, vista como a guardiã dos bons costumes e da religiosidade.¹⁷ A ideia era que, se nas mãos do homem, que trabalhava fora das dependências do lar, estava o futuro econômico da nação, nas mãos da mulher, com seu zelo e sua dedicação aos filhos, estava o futuro moral e religioso. Porém, apesar da exaltação dessas virtudes, no imaginário popular os ideais do culto à domesticidade não estavam ao alcance de todas. Venetria K. Patton aponta que, embora todas devessem buscar os ideais de mãe e esposa, na hierarquia racial oitocentista esses valores só estavam ao alcance de mulheres brancas e de classe média.¹⁸ Isto é, os valores associados ao lar e aos bons costumes vinham com um forte componente racial, evidenciado no fato de a mulher afrodescendente ser naturalmente excluída desse círculo de mulheres supostamente castas, virtuosas e guardiãs dos valores morais. Na cultura dominante, a mulher negra ou era vista como a *mammy* por excelência, destinada a servir as famílias brancas, ou era tida como o símbolo da luxúria e da lascívia sexual, uma ameaça constante aos bons costumes e aos ideais familiares.¹⁹

Em *Our Nig*, Wilson representa esse vínculo entre lugar e raça na representação do espaço doméstico, tendo como alvo principal o culto à domesticidade, defendido e disseminado por veículos políticos, religiosos e literários oitocentistas. Ela demonstra como conceitos biológicos e essencialistas de raça permeiam os ideais dessa visão do lar e da família. No romance, o foco é a dissimulação moral e religiosa dos Bellmonts, família para onde a personagem central, Frado, é levada e na qual é abandonada por sua mãe biológica e seu companheiro. No texto, a família é praticamente dirigida pela Sra. Belmont, que “não consegue manter uma ajudante na casa por mais de uma semana” devido ao seu temperamento agressivo e egoísta.²⁰ Em inúmeras ocasiões, Wilson expõe as crueldades dela em relação a Frado, a qual é tratada com violência e escárnio:

É impossível dar a impressão da alegria visível da Sra. B. nessas cenas na cozinha. Seu exercício favorito era entrar no lugar ruidosamente, vociferar ordens, dar tapas para apressar Nig e depois retornar à sala com um ar tal de satisfação, congratulando a si mesma pelas qualidades de dona de casa.²¹

Em outras ocasiões, Frado é surrada a ponto de mal poder levantar-se e continuar suas tarefas domésticas. O episódio mais marcante se dá quando Frado é trancada, com a boca aberta com um pedaço de madeira, e amarrada, sem alimento, como punição por um episódio envolvendo uma briga entre as duas: “Assim que [o Sr. Belmont] saiu, a Sra. B. e Mary começaram

¹⁷ WELTER. *Dimity Convictions: The American Woman in the Nineteenth Century*, p. 47.

¹⁸ PATTON. *Women in Chains: The Legacy of Slavery in Black Women's Fiction*, p. 29-30.

¹⁹ HOOKS. *We Real Cool: Black Man and Masculinity*, p. 53.

²⁰ “She can't keep a girl in the house over a week” (WILSON. *Our Nig*, p. 18).

²¹ “It is impossible to give an impression of her manifest enjoyment of Mrs. B. in these kitchen scenes. It was her favorite exercise to enter the apartment noisily, vociferate orders, give a few sudden blows to quicken Nig's pace, then return to the sitting room with *such* a satisfied expression, congratulating herself upon thorough housekeeping qualities” (WILSON. *Our Nig*, p. 66).

a surrá-la desumanamente; então, abrindo sua boca com um pedaço de madeira, trancaram-na em um quarto escuro sem comida alguma”.²² Na verdade, a filha também possui a fama de ser egocêntrica e convencida de seu status supostamente superior. O romance ressalta que “ela era na verdade o ídolo de sua mãe, e mais dos que os outros se parecia com ela em disposição e personalidade”.²³ Em várias ocasiões, ela também se aproveita de sua posição para maltratar Frado: “Ela aparecia na cozinha o suficiente para emitir alguma ordem, melhor se não fosse dada; ou insistir que seus desejos fossem satisfeitos sobre alguma coisa da qual pouco sabia, muito menos do que a pessoa com quem falava”.²⁴ Certa ocasião, quando teve um desejo contestado, “pegou uma faca enorme da mesa e lançou, em sua raiva, contra a garota indefesa”, por pouco não causando um derramamento de sangue.²⁵

Wilson sugere com essas passagens que os ideais de bondade, piedade e pureza tão apregoados pelo culto à domesticidade são, na verdade, mitos que escondem uma ideologia racial perversa e nociva à nação. Wilson demonstra que até mesmo os homens da família, apesar de discordarem das atitudes da mãe e da filha, aderem a uma ideologia racial excludente em relação ao sujeito negro. O Sr. Bellmont, por exemplo, não tem coragem de enfrentar sua esposa, apesar de discordar do tratamento dela em relação a Frado. Embora seja “um homem generoso e humano, que não negaria hospitalidade ao mais pobre dos andarilhos”, nas horas em que Frado mais necessita de sua proteção ele a deixa nas mãos de sua esposa: “Como ocupação, enquanto a tempestade rugia dentro da casa, o senhor Bellmont foi cuidar das vacas, tarefa de Frado, e assim sem querer prolongava a dor [da menina]”.²⁶ Jack e James, filhos do casal, também discordam do tratamento violento da mãe, porém raramente confrontam suas decisões, e quando o fazem, nada de concreto resulta. A omissão por parte dos homens da casa, juntamente com a falta de humanidade da mãe e da filha, só contribui para mostrar a falta de estrutura moral e religiosa da família Bellmont, a qual em nada se adequa à ideologia do lar e da família como santuário de piedade e justiça. Dessa forma, como observa Lisa Elwood-Farber, “Harriet Wilson desconstrói noções de domesticidade ao mostrar exemplos contraditórios de mulheres brancas nortistas, automaticamente rotuladas de virtuosas”.²⁷ Na residência dos Bellmont, o espaço doméstico é constituído de intrigas, brigas e violência, tendo Frado como o alvo principal dos ataques.

²² “No sooner was he out of sight than Mrs. B. and Mary commenced beating her inhumanly; then, propping her mouth open with a piece of wood, shut her up in a dark room, without any supper” (WILSON. *Our Nig*, p. 34-35).

²³ “She was indeed the idol of her mother, and more nearly resembled her in disposition and manners than others” (WILSON. *Our Nig*, p. 25).

²⁴ “She would show herself in the kitchen long enough to relieve herself of some command, better withheld; or insist upon some compliance to her wishes in some department which she was very imperfectly acquainted with, very much less than the person she was addressing” (WILSON. *Our Nig*, p. 63).

²⁵ “and taking a large carving knife from the table, she hurled it, at the defenseless girl” (WILSON. *Our Nig*, p. 64).

²⁶ “Mr. Bellmont was a kind, humane man, who would not grudge hospitality to the poorest wanderer”; “For employment, while the tempest raged within, Mr. Bellmont went for the cows, a task belonging to Frado, and thus unintentionally prolonged her pain” (WILSON. *Our Nig*, p. 24; 35).

²⁷ “Harriet Wilson deconstructs notions of true womanhood by showing contradicting examples of northern white women who are automatically labeled virtuous” (ELWOOD-FARBER. *Harriet Wilson’s Our Nig: A Look at the Historical Significance of a Novel that Exposes a Century’s Worth of Hypocritical Ideology*, p. 478).

No entanto, é na representação do espaço doméstico nortista como racialmente delimitado, replicando de muitas maneiras o segregacionismo sulista, que Wilson tece sua maior crítica ao mito do Norte racialmente democrático. A autora critica em especial os preceitos formadores dessas geografias raciais, os quais, como no caso do culto à domesticidade, também se baseiam em noções biológicas e essencialistas de raça e cultura. No século XIX, como observa Diane Price-Herndl, “mesmo depois da emancipação, médicos e ministros – às vezes trabalhando juntos e se baseando em pesquisas uns dos outros – continuavam a afirmar que negros eram moralmente e fisicamente diferentes, e diferentes, obviamente, queria dizer inferior”.²⁸ Ali Rattansi explica que nesse período, com base em exames de crânio e órgãos do corpo humano, vários estudiosos admitiam a existência de diferentes raças, cujos traços, tais como cor de pele, rosto, tipo de cabelo, entre outros, serviam de marcadores raciais. Para esses estudiosos, cada raça possuía características inerentes responsáveis por comportamentos sociais, culturais e morais. Foi a partir desse modelo de classificação, observa Rattansi, que surgiu uma hierarquia de raças: brancos no topo da escala, negros em baixo.²⁹ Robert Knox, por exemplo, cuja obra *Races of Men* (1850) influenciou em muito esse tipo de classificação, escreveu: “Olhe o negro, tão bem conhecido, e digamos, preciso descrevê-lo? Tem ele a forma de uma pessoa branca? Sua anatomia, seus músculos ou órgãos são como os nossos? Ele caminha como nós, ele age como nós? Nem um pouco”.³⁰ Dessas observações surge então a visão da inferioridade inata do negro, capaz apenas de serviço braçal sob o comando de uma raça superior: a branca. Tornar-se civilizado, isto é, adquirir os costumes e a sofisticação cultural europeia, é visto como impossível aos negros, já que por natureza não possuem o gênio intelectual que os permita transcender seus limites raciais. Nos moldes de Robert Knox, Arthur de Gobineau, em *Essay on the Inequality of Human Races* (1854), argumentava ser impossível para a maioria das raças se desenvolverem a ponto de chegarem ao nível artístico, científico e intelectual da raça branca. No caso dos negros, ele argumenta que nem mesmo a religião teria essa capacidade: “Deixe-me ver nosso negro, no momento em que abrir os olhos para a luz do evangelho [...] criar para si mesmo uma nova ordem social em sua própria imagem, colocar ideias em prática até então desconhecidas, tomar noções estranhas e moldá-las para propósitos próprios”.³¹ Gobineau estabelece uma diferença entre imitação e convicção. Para ele, raças inferiores são capazes de imitar apenas os atos de civilizações superiores. Quando alguns negros se destacam, ele comenta, o fazem por conta da influência da cultura superior branca, e não por si mesmos.³² Em suma, o que essas ideologias colocam realmente em xeque é a humanidade dos negros. Se estes estão tão distantes da raça branca, tanto física quanto intelectualmente, seriam eles humanos? Para muitos, “os africanos haviam sido criados separadamente de outros seres *mais* humanos”.³³

²⁸ “Even after years of emancipation, physicians and ministers – sometimes working together, often just drawing on each other’s work – continued to claim that blacks were fundamentally physically and morally different, and different, of course, meant inferior” (PRICE-HERNDL. *The Invisible Woman*, p. 555).

²⁹ RATTANSI. *Racism: A Very Short Introduction*, p. 31.

³⁰ “Look at the negro, so well known to you, and say, need I describe him? Is he shaped like any white person? Is the anatomy of his frame, of his muscles or organs like ours? Does he walk like us, think like us, act like us? Not in the least” (KNOX. *The Races of Men: A Fragment*, p. 161).

³¹ “Let me see our negro, at the moment when he opens his eyes to the light of the Gospel [...] creating for himself a new social order in his own image, putting ideas into practice that have hitherto rusted unused, taking foreign notions and molding them to his purpose” (GOBINEAU. *The Inequality of Human Races*, p. 75).

³² GOBINEAU. *The Inequality of Human Races*, p. 74.

³³ “Africans were created separately from other, more human, beings” (SMEDLEY; SMEDLEY. *Race as Biology is Fiction, Racism as a Social Problem is Real: Anthropological and Historical Perspectives on*

Wilson demonstra como essas concepções do sujeito negro permeiam a prescrição dos lugares de trânsito no lar dos Belmont. Esse ponto de vista fica evidente na colocação de Mary quando da chegada de Frado à casa dos Belmont: “Não quero uma negra ao meu redor, você quer, mãe?”³⁴ O fato de Mary não querer uma negra por perto expõe a demarcação de um lugar com base em elementos fenotípicos, bem como na existência de uma fronteira separando dois ambientes distintos: o do negro e do branco. A resposta de Jack à colocação de sua irmã revela outro aspecto da ideologia racial presente entre os Belmont – a supremacia branca: “ela tem boa aparência e é esperta, e não tão negra também”.³⁵ O fato de não ser “tão negra” remete à noção da cor branca como o padrão ideal, associada à beleza e à virtude. Rattansi observa que a classificação racial dos séculos XVIII e XIX, além de posicionar os negros como intelectualmente inferiores, disseminou também a imagem destes como brutos e bestiais. Na verdade, explica Rattansi, muitas das ansiedades sexuais da época foram projetadas nos negros, especialmente no homem negro. Com isso, começou-se a associar negritude e feiura, beleza e virtude moral.³⁶ O comentário feito por Jack reflete essa concepção. Por não ser tão negra, Frado supostamente possuiria mais atributos físicos ligados à beleza e à inteligência, características tidas como inerentes à raça branca. É essa proximidade que incomoda, inclusive, a Sra. Belmont, a qual toma todas as precauções para que os traços negros de Frado fiquem bem acentuados. Para conseguir tal objetivo, diz o romance que ela a enviava para o trabalho debaixo do sol sem proteção alguma, com a determinação de “deixar o sol agir em toda a sua força para escurecer o tom que a natureza havia se encarregado de lhe dar”.³⁷ Portanto, a racialização do espaço doméstico nos Belmont fica evidente quando a descendência africana de Frado entra em jogo na consideração de sua permanência e ocupação dos mesmos lugares que os demais membros da família.

A demarcação racial continua com a contratação de Frado para trabalhar apenas pelo direito a alimentação e moradia até atingir a maioridade, já que, quando sua mãe a abandonara, ela ainda não podia responder por si própria.³⁸ Embora a história não entre em detalhes, subentende-se que Frado só poderá deixar a residência após esse período. Quando isso fica decidido, Jack se incumbiu de lhe mostrar seu aposento, o qual consiste de “um quarto inacabado sobre a cozinha, com o teto tão próximo do soalho que a cama tinha que ficar no meio do cômodo. Uma pequena janela fornecia luz e ar”.³⁹ Fica claro aqui que, mesmo residindo sob o mesmo teto que a família, há uma diferença acentuada entre os lugares a que Frado e os membros da família terão acesso. Os salões mobiliados da casa, que a deixam maravilhada, estão separados de seus aposentos por uma passagem escura e baixa que dificulta inclusive o trânsito. Essa divisão fica ainda mais acentuada quando a Sra. Belmont, questionada por Jack quanto ao tamanho das dependências de Frado, replica: “Ela terá de ir para lá; é bom o suficiente para uma negra”.⁴⁰ A delimitação

the Social Construction of Race, p. 19, grifo meu).

³⁴ “I don’t want a nigger ‘round ME, do you, mother?” (WILSON. *Our Nig*, p. 26).

³⁵ “She’s real handsome and bright, and not very black, either” (WILSON. *Our Nig*, p. 25).

³⁶ RATTANSI. *Racism: A Very Short Introduction*, p. 28.

³⁷ “Mrs. Belmont was determined the sun should have full power to darken the shade which nature had first bestowed upon her as best befitting” (WILSON. *Our Nig*, p. 39).

³⁸ O termo em inglês é *indentured servant*, condição na qual uma pessoa firma um contrato de trabalho com outra por determinado período de tempo. Esse regime de trabalho foi bastante comum no período colonial norte-americano. Com a popularização e a expansão da mão de obra escrava, esse regime foi aos poucos desaparecendo.

³⁹ “an unfinished chamber over the kitchen, the roof slanting nearly to the floor, so that the bed could stand only in the middle of the room. A small half window furnished light and air” (WILSON. *Our Nig*, p. 27).

⁴⁰ “She’ll have to go there; it’s good enough for a nigger” (WILSON. *Our Nig*, p. 26).

dos espaços continua em relação ao local onde Frado irá fazer as refeições. Segundo o romance, “era-lhe permitido tomar o café da manhã, que consistia de uma tigela de leite desnatado com migalhas de pão preto, que devia comer, em pé, na mesa da cozinha, em menos de dez minutos. Enquanto isso a família fazia a refeição da manhã na sala de jantar”.⁴¹ Evidencia-se aqui, mais uma vez, que Frado não é uma ajudante qualquer contratada para trabalhar na residência. Sua posição na escala racial a coloca longe dos locais de permanência e lazer da família. Na verdade, Frado será constantemente lembrada de sua posição na casa: “você viram a ousadia dela esta manhã. Ela vai aprender onde é seu lugar”.⁴² Seu “lugar”, nesse caso, representa o reconhecimento de seu status como inferior na escala racial, fato que a aprisiona e a circunscreve a determinados espaços na residência.

Se na casa o acesso livre de Frado está limitado à cozinha e ao seu quarto no sótão (a outras dependências, tem acesso apenas quando chamada a trabalhar), a sensação de aprisionamento nos domínios dos Bellmont fica ainda mais evidente quando lhe é negado também o direito de frequentar locais fora da casa, tais como reuniões em igrejas ou a escola. Em relação à igreja, a Sra. Bellmont não via a necessidade, pois para ela “religião não era coisa para negros”.⁴³ A atitude da matriarca da casa revela a forte influência de uma ideologia racial que via os negros como incapazes de elevação e melhoramento, fato que por si justificava a segregação. Essa é a razão pela qual Frado não pode adentrar a igreja que os Bellmont frequentam: “quando o esposo e os irmãos estavam ausentes, ela levava a Sra. B. e Mary até lá, então retornava e voltava para buscá-las no final do culto, mas nunca permanecia”.⁴⁴ Porém, é permitido a Frado frequentar reuniões noturnas e estudar a Bíblia, provavelmente junto com pessoas de status semelhante ao seu ou outros que não se importavam com sua presença. A escola é também motivo de muito debate na residência, com Mary e Sra. Bellmont resistentes em enviá-la a uma instituição de ensino: “Sra. Bellmont tinha dúvidas sobre a utilidade de se educar pessoas de cor, as quais eram incapazes de elevação”.⁴⁵ Frado acaba recebendo permissão para frequentar a escola, mas não por muito tempo.

Assim, mais do que exibição de autoritarismo, as delimitações espaciais acabam funcionando como mecanismos de dominação que no final inculcam em Frado a percepção de que as fronteiras que a cercam são realmente intransponíveis, de que ela foi feita para aqueles lugares: “Ela estava determinada a fugir. Para onde? Quem ficaria com ela? A Sra. B. sempre lhe dissera que era feia. Talvez todas pensassem da mesma forma. Então ninguém a receberia. Ela era negra, ninguém a amaria. Ela talvez tivesse de voltar, e então estaria mais ainda sob os poderes de sua senhora”.⁴⁶ Sempre que pensa em transpor os limites estabelecidos, Frado se deixa

⁴¹ “She was allowed to eat her breakfast consisting of a bowl of skimmed milk, with brown bread crusts, which she was told to eat, standing, by the kitchen table, and must not be over ten minutes. Meanwhile the family were taking their morning meal in the dining-room” (WILSON. *Our Nig*, p. 29).

⁴² “just see how saucy she was this morning. She shall learn her place” (WILSON. *Our Nig*, p. 47).

⁴³ “religion was not meant for niggers” (WILSON. *Our Nig*, p. 68).

⁴⁴ “When the husband and brothers were absent, she would drive Mrs. B. and Mary there, then return, and go for them at the close of the service, but never remain” (WILSON. *Our Nig*, p. 68).

⁴⁵ “Mrs. Bellmont was in doubt about the utility of attempting to educate people of color, who were incapable of elevation” (WILSON. *Our Nig*, p. 30).

⁴⁶ “She was determined to flee. But where? Who would take her? Mrs. B. always represented her ugly. Perhaps everyone thought her so. Then no one would take her. She was black, no one would love her. She might have to return, and then she would be more in her mistress’ power than ever” (WILSON. *Our Nig*, p. 108).

dominar por esses pensamentos, que a fazem crer ser ali talvez o lugar mais apropriado, apesar dos maus tratos impostos. Os capítulos finais do romance mostram que, mesmo após deixar a casa dos Belmont, a segregação, muitas vezes velada, continua a controlar os movimentos de Frado. Com a saúde debilitada e um casamento fracassado, ela tenta várias atividades econômicas na região, quase sempre sem sucesso, o que a deixa sempre à mercê da generosidade alheia. Esta passagem resume a visão crítica de Wilson em relação à situação dos negros no Norte do país: “Na mira dos raptos, mal tratada por abolicionistas professos, que não queriam escravos no Sul nem negros em suas próprias casas, no Norte. *Faugh!*, alojar um; comer com um; admitir pela porta da frente; sentar-se com um, horrível”.⁴⁷

Harriet E. Wilson, com a publicação de seu romance, quebra paradigmas importantes entre os escritores afrodescendentes no século XIX por expor as contradições das mensagens abolicionistas propagadas pelo Norte estadunidense. Ela desmente o mito do Norte como refúgio para negros livres e fugitivos ao mostrar como ideologias racistas permeavam, principalmente, a delimitação dos lugares, bem como o acesso a bens econômicos e culturais. O foco da trama na residência dos Belmont desempenha um papel estratégico, pois além de expor a migração de modelos sulistas de tratamento, espacialização e hierarquia racial, serve como metáfora de representação de toda uma nação ainda infectada pela ideologia escravocrata. Como diz o próprio subtítulo do romance, “Mostrando que as sombras da escravidão estão até por lá” (*Showing that Slavery’s Shadows Fall Even There*), o argumento de Wilson é de que era preciso derrubar todo um sistema de ideias que, apesar dos avanços abolicionistas, ainda concebia o negro como inferior e incapaz de aperfeiçoamento. No final do romance, após deixar a residência dos Belmont, Frado procura aprender alguns serviços para conseguir autonomia financeira, mas percebe que o capitalismo também tem o poder de criar seus próprios espaços e mecanismos de exclusão, sempre com base na descendência do indivíduo. Vender os produtos que criava não lhe traz os mesmos recursos que traria a uma pessoa branca. Henry Lefebvre, em *The Production of Space*, aponta que “uma das maneiras consistentes de se limitar os direitos políticos e econômicos de grupos é restringir *reprodução social* limitando acesso a espaços”.⁴⁸ *Our Nig* denuncia essas restrições ao esboçar os contornos de uma geografia racial perversa que impedia o avanço social de um grupo com base em noções tendenciosas de raça e cultura. Somente na segunda metade do século XX essas barreiras começariam a ser questionadas e derrubadas, abrindo caminho, assim, para novos espaços e configurações etnoraciais.



⁴⁷ “Watched by kidnapers, maltreated by professed abolitionists, who didn’t want slaves at the South, nor niggers in their own houses, North. *Faugh!* to lodge one; to eat with one; to admit one through the front door; to sit next to one; awful” (WILSON. *Our Nig*, p. 129).

⁴⁸ “One of the consistent ways to limit the economical and political rights of groups has been to constrain social reproduction by limiting access to space” (LEFEBVRE. *The Production of Space*, p. 22, grifo nosso).

ABSTRACT

This essay examines *Our Nig*, published in 1859 and considered the first novel written by a woman of African ancestry in the United States, as a critique of northern racist attitudes towards blacks in the north, a region usually depicted by southerners as sympathetic to abolitionist movements. Drawing from insights from the fields of cultural anthropology and social geography, the essay discusses how Wilson represents the dynamics of racialized spaces and places, which become handy tools of domination and exploitation of black labor. Through the abuses inflicted on the main character, the mullata Frado, Wilson meditates about the racialization of places in a particular residence, the Belmont's. Yet, it becomes evident in the course of the novel that the critical scope is much broader. Besides exposing nineteenth-century racial ideologies which underscored the racial demarcation of spaces and places, by using the house as a metaphor for nation, the author reveals an inherent contradiction in the abolitionist campaign: on the one hand, the abhorrence of slavery; on the other, social segregation of the black subject.

KEYWORDS

Space, slavery, race, novel, United States

REFERÊNCIAS

- ELWOOD-FARBER, Lisa. Harriet Wilson's *Our Nig*: A Look at the Historical Significance of a Novel that Exposes a Century's Worth of Hypocritical Ideology. *Women's Studies*, v. 39, n. 5, p. 470-489, 2010.
- FOSTER, Frances S. *Witnessing Slavery: The Development of Ante-Bellum Slave Narratives*. Madison: University of Wisconsin Press, 1979.
- GATES JR., Henry Louis; ELLIS, Richard J. Introduction. In: WILSON, Harriet. *Our Nig; or, Sketches from the Life of a Free Black, in a Two-Story White House. North. Showing that Slavery's Shadows Fall Even There*. Edited by Henry Louis Gates Jr. e Richard J. Ellis. New York: Vintage Books, 2011. p. xiii-lxviii.
- GOBINEAU, Arthur. *The Inequality of Human Races*. Translated by Adrian Collins. New York: Putnam's Sons, 1915.
- HOLT-JENSEN, Arild. *Geography: History & Concepts*. London: Sage, 2009.
- HOOKS, bell. *We Real Cool: Black Man and Masculinity*. New York: Routledge, 2004.
- KNOWLES, Caroline. *Race and Social Analysis*. London: Sage, 2003.
- KNOX, Robert. *The Races of Men: A Fragment*. Philadelphia: Lea & Blanchard, 1850.
- LEFEBVRE, Henry. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991.
- LEVEEN, Lois. Dwelling in the House of Oppression: The Spatial, Racial, and Textual Dynamics of Harriet Wilson's *Our Nig*. *African American Review*, v. 35, n. 4, p. 561-580, 2001.
- LOW, Setha M.; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. Locating Culture. In: LOW, Setha M.;

- LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise (Ed.). *The Anthropology of Space and Place: Locating Culture*. Oxford: Blackwell, 2003.
- NEELY, Brooke; SAMURA, Michelle. Social Geographies of Race: Connecting Race and Space. *Ethnic and Racial Studies*, v. 34, n. 11, p. 1933-1952, 2011.
- ORUM, Antony M.; CHEN, Xing. *The World of Cities: Places in Comparative and Historical Perspectives*. Oxford: Blackwell, 2003.
- PATTON, Venetria K. *Women in Chains: The Legacy of Slavery in Black Women's Fiction*. Albany: SUNNY, 2000.
- PRICE-HERNDL, Diane. The Invisible Woman. *Women's Studies: An Interdisciplinary Journal*, v. 24, n. 6, p. 553-572, 1995.
- RAIMON, Eve A. *The "Tragic Mulatta" Revisited: Race and Nationalism in Nineteenth-Century Antislavery Fiction*. New Jersey: Rutgers University Press, 2004.
- RATTANSI, Ali. *Racism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- SMEDLEY, Audrey; SMEDLEY, Brian D. Race as Biology is Fiction, Racism as a Social Problem is Real: Anthropological and Historical Perspectives on the Social Construction of Race. *American Psychologist*, v. 60, n. 1, p. 16-26, 2005.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- WELTER, Barbara. *Dimity Convictions: The American Woman in the Nineteenth Century*. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1985.
- WILSON, Harriet. *Our Nig; or, Sketches from the Life of a Free Black, in a Two-Story White House. North. Showing that Slavery's Shadows Fall Even There*. Edited by Henry Louis Gates Jr. e Richard J. Ellis. New York: Vintage Books, 2011.